

DISCURSO UNIVERSITÁRIO: UMA REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM E OS SENTIDOS

Anita Maria Ferreira da Silva¹, Elaine Kendall Santana Silva²,
Luciana Cristina Mazur²

¹ Colégio de Aplicação – COLUNI
Universidade Federal de Viçosa
Campus Universitário – Viçosa – MG
36 570 000

² Pontifícia Universidade Católica
Belo Horizonte - MG

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar os conceitos de formação discursiva e interdiscurso no funcionamento do discurso universitário, tomando como *corpus* seis textos que compõem a prova de redação do vestibular/ 2005 da Universidade Federal de Viçosa. Esta análise foi feita à luz da teoria da Análise do Discurso que tem como principal embasamento os estudos de Foucault e Pêcheux.

Palavras Chave: interdiscurso, discurso acadêmico, formação discursiva

Abstract: This work has for objective to analyze the concepts of discursive formation and interspeech in the operation of the academical speech, taking as corpus six texts that compose text of composition of the vestibular/2005 of the Federal University of Viçosa. This work will be analyzed to the light of the theory of the Analysis of the Speech that has as main based in the studies of Foucault and Pêcheux.

Keywords: interspeech, academical speech discursive formation,

Introdução

No presente artigo, toma-se como pressuposto o fato de que a Análise do Discurso, ao se interessar pela linguagem de uma maneira particular, trata do discurso e as suas várias maneiras de significar. Assim, é a língua fazendo sentido, é o trabalho social

geral, constituído do homem e da sua história, o objeto da Análise do Discurso, doravante chamada de AD.

Em conseqüência, o trabalho com o discurso implica refletir sobre como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Segundo Pêcheux [5], não existe discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

Somente nessa perspectiva é possível perceber como a língua produz sentidos por / para os sujeitos.

Ao considerar que a linguagem não é transparente, a AD se distancia de questões que busquem a análise de conteúdo de modo a atravessar um texto para encontrar um sentido do outro lado e se coloca preocupada com o como um texto significa. É o texto como tendo uma materialidade simbólica e significativa, como tendo uma espessura semântica, que é considerado pelos analistas do discurso.

A AD teoriza a interpretação, trabalha seus limites e mecanismos como parte do processo de significação. Segundo Orlandi [4], não há uma verdade oculta atrás do texto e sim, gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.

A autora ainda afirma que a AD visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como está investido de significância para e por sujeitos. Isso implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido.

No presente artigo, pretende-se analisar como certos aspectos relacionados à constituição do discurso se fazem presentes em seis textos utilizados como fonte de leitura e análise na prova de Redação do Vestibular da Universidade Federal de Viçosa – UFV, no ano de 2005. O objetivo não é o de comentar a prova de redação com relação a seu grau de dificuldade ou facilidade e sim, analisar de que maneira conceitos como formação discursiva, interdiscurso e ideologia se fazem presentes naqueles textos. A proposta é, pois, de construir uma análise que coloque o dito em relação ao não-dito. Para tanto, remetendo a Pêcheux, citado por Orlandi [4], consideraremos os textos como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação:

é porque há o outro nas sociedades e na história, diz M. Pêcheux (1990), correspondente a este outro linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memória, e as relações sociais em redes de significantes ORLANDI, [4- p.56.]

Discurso

O termo discurso tem sido frequentemente utilizado nas ciências da linguagem, desde os anos 80, sob a influência de várias correntes pragmáticas que predicam o discurso como uma organização transfrástica, ou seja, seu sentido está além de um simples agrupamento de palavras que formam uma frase ou um texto. Sendo assim, “os dizeres não são (...) apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz” [4 - p.32.]

Para Orlandi [4] o discurso está relacionado ao efeito de sentidos entre os interlocutores. No entanto, ele só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos. Pode-se dizer também que ele é contextualizado, pois, não se pode atribuir um sentido a um enunciado fora de um contexto. Portanto, as condições de produção são importantes, pois compreendem os sujeitos, a situação e ainda incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

Além disso, de acordo com Foucault [3-p.8-9] o discurso se rege por normas, pois

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade..

Pode-se concluir então, utilizando palavras de Orlandi [4], que no discurso “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos(...)”

Ideologia

A noção de ideologia foi re-significada na Análise do Discurso a partir dos anos 70, sendo inclusive, trocada pelas expressões “doxa” ou “representação”. Boyer (*apud* CHARAUDEAU e MAINGUINEAU, [1- p.89] define a ideologia como “um corpo mais ou menos fechado de representações [...] mobilizado para fins mais ou menos ostensivamente políticos e de manipulação dos espíritos”.

Já para Van Dijk, (*idem*) que usa mais frequentemente essa noção, as ideologias são definidas como “sistemas sociocognitivos das representações mentais socialmente partilhadas que controlam outras representações mentais, como as atitudes dos grupos sociais (aí compreendidos os preconceitos) e os modelos mentais.”

Tem-se ainda, a definição proposta por Orlandi [4], segundo a qual a ideologia é a condição para que se constituam o sujeito e os sentidos, ou seja, é a ideologia que torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Essa relação se faz de tal maneira que para haver sentido é necessário que a língua se inscreva na história. Desse modo,

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia..
ORLANDI, [4 -p.15.]

Pode-se dizer então, que a ideologia é um importante mecanismo que contribui para a estruturação do processo de significação, pois, o sentido não existe separado das posições ideológicas que são colocadas no processo sócio-histórico em que o discurso é produzido.

Formação Discursiva

A noção de Formação Discursiva é básica na Análise do Discurso, porque possibilita a compreensão do processo de produção

de sentidos, sua relação com a ideologia e ainda permite o estabelecimento de regularidades no funcionamento do discurso. Essa noção, que foi introduzida por Foucault e posteriormente reformulada por Pêcheux, está diretamente relacionada à noção de formação ideológica, pois em uma formação social existem vários aspectos, tais como: o modo de produção, a relação entre as classes, a hierarquia das práticas e os aparelhos através dos quais se realizam essas práticas que se relacionam produzindo posições políticas e ideológicas.

Sendo assim,

cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais (...) comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam aquilo que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada em uma determinada conjuntura (C. HAROCHE, p. HENRY e M. PÊCHEUX apud SERRANI, [6 - p.102.]

É importante ressaltar que as palavras empregadas num discurso não são o principal aspecto a ser considerado, mas sim as posições sustentadas por aqueles que as empregam, e ainda, o contexto dos quais elas fazem parte, pois na realidade as palavras mudam de sentido de acordo com a formação discursiva e de uma formação discursiva à outra.

Dessa forma, pode-se dizer que “*os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas*” [4-p.16.] Por isso, para entender o sentido das palavras, é necessário relacioná-las às suas condições de produção, à memória discursiva e também a uma formação discursiva.

Portanto, “*palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes*” [4- p.16.]

Interdiscurso

O interdiscurso é definido como a memória discursiva, ou seja, “*aquilo que fala antes, em outro lugar*” [4-p.18] O

interdiscurso torna possíveis dizeres que são retomados sob a forma do pré-construído e estes dizeres interferem no modo como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva.

De acordo com Orlandi [4- p.18] o interdiscurso compreende todas “*as formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.*” Portanto, pode-se dizer que o interdiscurso é a memória discursiva, da qual não temos controle e é sobre essa memória que os sentidos se constroem dando a impressão de que se sabe sobre o que se está falando.

Sendo assim, conclui-se que o interdiscurso é o “*lugar em que se constituem os objetos e a coerência dos enunciados que se provêm de uma formação discursiva*”(CHARAUDEAU e MAINGUINEAU [1-p.120]).

Análise

Ao se efetuar a tarefa de descrição e interpretação discursivas, toma-se como pontos básicos para a análise do corpus as condições de produção, as formações discursivas e a interdiscursividade presentes no processo sócio-histórico e ideológico da produção de sentido desse discurso.

A coletânea de textos analisada faz parte do discurso político universitário, por tratar-se de uma prova de redação do processo seletivo, do vestibular/05. De acordo com o edital de exame de seleção exigido pelo regimento das universidades federais brasileiras para o ingresso de novos alunos.

Isto posto, identificou-se a Universidade Federal de Viçosa - UFV, como o sujeito desse discurso, e assim, iniciou-se o mapeamento das regularidades apresentadas pelas referências a sua formação discursiva.

A prova apresenta o tema: “*Promessa eleitoral: uma estratégia de marketing político*”, seguido por um enunciado que se refere a uma coletânea de seis textos, cuja temática recorrente é a *promessa*.

Nesse ponto, é importante ressaltar que, possivelmente, o contexto imediato do processo discursivo pode ter sido tomado como justificativa da escolha do tema. Como é sabido, a maioria dos

brasileiros, incluindo a comunidade universitária, encontra-se decepcionada com os rumos da política educacional do governo.

É curioso observar, ainda, que o discurso universitário, que no passado foi marcado como defensor da esquerda, hoje, materializa-se no discurso dessa prova, deixando transparecer uma descrença generalizada nos políticos de um modo geral, independente de sua ideologia, fato relevante se considerarmos que o atual governo é de esquerda.

A coletânea de seis textos foi, criteriosamente, selecionada e organizada em torno de um tema único e dá suporte a um enunciado que, por sua vez, remete aos conhecimentos prévios, ou seja, à memória interdiscursiva dos candidatos utilizada na formação de opiniões materializadas em discursos solicitados a serem redigidos.

Dessa maneira, será acionada uma rede interdiscursiva, de onde deverão surgir diferentes traços de formações sócio-históricas possibilitando a produção de diferentes sentidos discursivos em torno de um mesmo tema. Essas diferenças de sentido podem ser identificadas a partir das análises do dito e do não dito de acordo com Ducrot [2].

Nesse momento, pode-se pensar que a avaliação das produções dos candidatos ficaria inviável diante das inúmeras possibilidades de interpretação. Considerando isso, fez-se necessário que se estabelecesse os critérios de regulação de que fala Foucault [3- p.9-10], ao afirmar:

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos. Existe, pois um procedimento de interdição que permeia qualquer sistema discursivo e que remete ao fato de que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância.

Na referida prova, essas regulações direcionam os candidatos ao exigir que a coletânea seja lida e relacionada ao pré-contruído dos candidatos ao estabelecer o número mínimo e o máximo de linhas que deverá conter a produção; ao estabelecer o gênero da produção. Ao fazer a seleção e ao organizar a sequência dos textos e principalmente na escolha do tema, traz implícito um não-dito: “*não devemos acreditar nas promessas dos políticos*”.

Quanto à disposição dos textos observa-se que o texto 1, por se tratar de um fragmento de um discurso científico e os autores citados, Searle e Mari, lhe conferem um caráter de argumento de autoridade.

Embora menos preciso que o texto 1, o texto 2, um verbete do dicionário Aurélio, é usado também como argumento de autoridade reforçado por seu saber enciclopédico.

Em seguida temos o texto 3, que é um trecho do discurso de posse do Presidente Lula, no qual ele, num misto de candidato e presidente, promete no futuro realizar favoravelmente os desejos dos ouvintes numa aparente atitude de obrigatoriedade sincera, confirmando as características de promessa descrita nos textos 1 e 2 anteriormente apresentados.

A essa altura, o vestibulando, supostamente, já ciente do que é uma promessa, é apresentado ao texto 4 exemplo de um novo discurso, o midiático de opinião. Neste, os políticos nordestinos são criticados por suas promessas não cumpridas, o texto assume um tom abrangente sem fazer citações de nomes específicos. Todavia, o texto leva o candidato a acionar sua memória onde está registrado a origem do atual presidente e uma gama de promessas e de pré-construídos.

Seguindo as características textuais do texto 4, o texto 5 acrescenta informações gerais ao ampliar o leque de políticos que prometem e não cumprem citando o atual presidente da Itália, ressaltando alguns pontos semelhantes com nossa situação, como o fato de ser presidente e de fazer promessas aos aposentados ou a uma classe de ex-trabalhadores.

Por fim, o texto 6, embora também midiático possui outras características. É ao mesmo tempo um argumento de autoridade e um texto de jornal informativo, por apresentar resultados, com dados estatísticos, de uma pesquisa *Datafolha* sobre o desempenho e credibilidade do Presidente junto ao povo.

Observa-se que o conjunto de textos forma uma série, isto é, uma cadeia lógica de definições, opiniões e argumentos, que envolve o candidato a uma vaga na universidade, de maneira que dificilmente encontrará “espaço” para manifestar uma opinião favorável aos políticos e às suas promessas.

Segundo Orlandi [4] discurso dessa natureza apresenta uma particularidade curiosa em seu modo de produção, ou seja, aqui a polissemia é contida, o locutor se posiciona como agente exclusivo, controlador do processo de produção em que está inserido e controlador da produção do alocutário, no caso o candidato. A esse discurso a autora chama de discurso dominante autoritário e tende para a monossemia.

Esse discurso universitário autoritário, cuja denominação não deve ser vista com um juízo de valor, é resultante das determinações sócio-histórico-ideológica do contexto em que se encontra a universidade pública brasileira, que paradoxalmente opõe-se ao ideal da universidade, o de ser vanguardista na produção e na distribuição do conhecimento.

Conclusão

O estudo realizado sobre o funcionamento do discurso, presente na prova de Redação da Universidade Federal de Viçosa - UFV, remete ao fato de que os discursos permitem aos leitores problematizar as maneiras de ler e levantam questões sobre o que se pode produzir nas diferentes manifestações da linguagem. O propósito geral desse trabalho foi o de provocar uma reflexão sobre a relação que se pode e deve estabelecer entre um discurso e outro de modo a que reforçar o fato de que não há discurso que se encerre em si mesmo, mas processos discursivos possíveis de serem recortados e analisados em relação a determinados aspectos.

A escolha dos textos para análise permitiu se fazer referência a elementos a serem considerados quando se pretende analisar um determinado discurso (interdiscurso, ideologia, formação discursiva). Assim, tentou-se estabelecer uma provável relação entre as séries de textos presentes na prova de Redação da UFV, além disto, procurou-se retomar um possível jogo ideológico, definido pela formação ideológica dominante no discurso apresentado na conjuntura do processo seletivo – vestibular.

Por isso mesmo, concluída a análise, o que se pode afirmar é que o trabalho foi mais de busca por uma possível interpretação dos

textos escolhidos, com o objetivo de apresentar um recorte de como o processo discursivo se pauta e se instaura.

Referências

1. CHARAUDEAU Patrick. e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004, 500 p.
2. DUCROT, O. **O dizer e o dito**. São Paulo: Pontes, 1987, 222 p.
3. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996, 79 p.
4. ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002, 100 p.
5. PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1990, 68 p.
6. SERRANI, Silvana. **A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, 153 p.